

A geografia humana e a abordagem naturalista

ARMANDO CORRÊA DA SILVA

N/H
O natural não é um dado real. É um ponto de vista derivado da observação. Por isso, a natureza só se apresenta ao indivíduo e ao grupo por meio de um treinamento.

Daí decorre que só a consciência epistemológica, com o auxílio da tecnologia atual, pode reproduzir como concreto analítico a evidência primeira.

Da cosmologia à ciência, foi preciso percorrer um longo caminho. Hoje a natureza tornou-se novamente uma referência metafísica, apenas porque sua transformação criou o ser social separado de suas manifestações pré-conscientes.

Então, não se trata de procurar o natural nos lugares ainda intocados pela humanidade. O natural está presente na informática, na cibernética, na robótica, na telemática.

Ora, isso quer dizer que o natural é a cidade informacional. Aí, em suas várias manifestações, como o tecnopolo etc., a natureza então criada em laboratório revela uma parte de seus segredos.

Não é por acaso que as crianças, os adolescentes, os jovens lidam com tanta naturalidade com os produtos do meio técnico-científico quanto o índio com a terra, na roça de mandioca.

Portanto, o natural se põe como uma relação política, ou seja, como um conjunto de decisões globais.

Pensar naturalmente é despojar-se do ideológico como falsa inteligência. Daí a importância do olhar, do ver, do enxergar, do observar, do pensar, do refletir.

O que é o geográfico-natural?

Os geógrafos do passado não tinham dificuldade de assim expor suas idéias. Com Humboldt, La Blache, mas também com Pierre George e

Hartshorne, a geografia, através da descrição, passava pela experiência, pelo empirismo, pela excursão, pelo trabalho de campo, enfim, por todas as modalidades de aproximação física ao objeto.

A geografia mudou? Somos ainda naturalistas?

Aqui é preciso ser cauteloso. O discurso não-naturalista está apenas começando a manifestar-se, em tentativas que ainda não ultrapassam o ensaio.

Por isso, a importância da teoria, mais do que a teorização.

Como resolver?

Penso que através do projeto, pois este não prescinde da pré-ideação e do nascer da consciência via *insight*.

Então, nessa instância, o que é o natural?

Isto remete a um debate secular, na história do naturalismo, que envolve Aristóteles, Spinoza, Hegel, Marx, Lenin e, mais recentemente, Habermas.

No Brasil, desde Aluísio de Azevedo, com seu romance *O cortiço*, até Graciliano Ramos, com, por exemplo, sua obra *Angústia*, o naturalismo teve forte expressão.

É de lembrar os tempos da República Velha, quando se dizia em bom tom que "O Brasil é um país essencialmente agrícola".

Mas, de uma nação agrário-industrial, passamos a uma nação industrial-agrária.

E mais, 80% da população já vive em ambiente urbano.

O que é agora natural?

É de reconhecer que a geomorfologia, a pedologia, a biogeografia, a oceanografia, a climatologia têm algo a dizer.

Esse discurso deve recorrer à abstração, para ultrapassar a distância já mencionada.

De que modo?

Trabalhando com os mais avançados meios de prospecção.

O não-natural, assim, torna-se apenas o medo ancestral que a humanidade tem de sua própria capacidade inventiva.

Os arquétipos, que se expressam no mito e na magia, podem ser identificados e decodificados, apesar da atração que exercem no cotidiano.

Se a religiosidade pode ser eliminada, permanecem, no entanto, como determinações não resolvidas o sagrado e o profano.

A natureza aí vai manifestar-se na arte, seja no impressionismo francês, seja no expressionismo alemão, no realismo norte-americano da "geração

maldita” e, mesmo, no cubismo e em todas as manifestações da modernidade.

Se o pós-moderno é um avanço ou um retorno, ainda está para ser demonstrado.

Estamos no limiar da conquista do espaço sideral. Já se fala até na existência de uma nova cosmogonia.

Uma volta às raízes da geografia moderna?

Assim, estudar a natureza como “tudo que existe” exige do estudante, pesquisador, cientista, técnico, geógrafo profissional, professor de 1.º, 2.º e 3.º graus o despertar de uma vocação.

Então, o educador deve trabalhar com diversas noções de paisagem, mostrando à criança, aos meninos e meninas, aos adolescentes e aos jovens a natureza como informação e comunicação, pois é esse o modo atual de a pessoa reencontrar a natureza em si mesma.

A contradição, se existe, não foi criada por Rousseau.

A diversidade natural é uma escola, como forma espontânea e atividade do fazer-se forma. O paisagismo modifica essa forma. O laboratório cria novas formas naturais. A arquitetura repete a natureza, uma de suas fontes de inspiração.

Mas a luta contra as várias modalidades de poluição não é senão o limite dessa transformação, quando o *Admirável Mundo Novo* de Huxley indica implicitamente o que a humanidade pode resolver.

Então, há que reconhecer que a natureza também polui e também produz impactos ambientais.

Na interdisciplinaridade, a geologia — parte da antiga História Natural — nos mostra, junto com a arqueologia, o momento em que a Terra, no pré-cambriano, não conhecia o fenômeno vida.

Então, quando o poeta afirma, “tinha uma pedra no meio do caminho”, ele nos dá uma dimensão fantástica do mundo. O natural e o humano encontram-se na dimensão onírica.

O realismo da afirmação encontra na releitura da frase a utopia e a contra-utopia.

A natureza transforma-se em naturalismo no ato de sua leitura, fazemos geografia humana, geografia física, geografia regional ou geografias de.

É que aí o natural é social e seu fundamento.

A busca termina na consideração de serenidades no encarar, então, as relações humanas como relações sociais.

Mas se o social é o conjunto de individualidades, a decisão mostra-se

como ato político, que não pode expressar-se plenamente sem ser também psicológico e cultural.

Daí que a síntese naturalista tenha de expressar-se no antropológico.

Então, a natureza transforma-se em linguagem e discurso.

Por isso, posso dizer: “isto é muito natural” (Noel Rosa).